

“CORES E FLORES PARA TITA”: DIÁLOGOS SOBRE TRANSGENERIDADE, TRANSFOBIA E TRANS-ATIVISMO¹

■ ANDRÉA MAGNONI² POR ELIZEU CLEMENTINO DE SOUZA³

Andréa Magnoni (AM)

Eu sou foto-ativista e uso o trabalho fotográfico sob um olhar antropológico, de forma a dar voz e visibilidade às diversidades sexuais, de gênero, afro-religiosas, sociais e étnicas. Desenvolvo projetos de fotografia afrodiaspórica, enfatizando a importância da representatividade da poluição negra e a beleza da ancestralidade dos ritos afro-brasileiros, e também junto aos movimentos LGBT e feministas.

Elizeu Clementino de Souza (EC)

Conheci Andréa Magnoni, após ter visto a Exposição “Cores e Flores para Tita”, em Salvador, e, em seguida, a convidamos para participar do VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (CIPA), realizado na Universidade Federal de Cuiabá (UFMT), apresentando a exposição e trazendo, para o espaço do Congresso, outras formas de discussão biográfica sobre transgeneridade e trans-ativismo, através

da exposição, das fotografias e dos excertos autoetnográficos, que acompanham as fotos. Durante o Congresso, a exposição possibilitou, em articulação com pesquisadores que têm se dedicado ao tema trans, transfobia e homofobia no cotidiano escolar, outras perspectivas de trabalho e de aprofundamento da temática, no campo dos estudos (auto)biográficos. Andréa, como surgiu a ideia do Projeto Cores e Flores para Tita?

AM – “Cores e Flores para Tita” surge em 2014, após eu descobrir que meu tio foi um homem trans, morto aos 15 anos, no Paraná. A morte trágica, por envenenamento, após toda a negação de sua masculinidade e do estupro corretivo, fizeram-me perceber a urgência de se falar sobre o tema, já que, passados mais de 40 anos, pessoas trans e travestis da atualidade ainda correm os mesmos riscos que ele, na década de 1970.

-
- 1 Entrevista realizada em 20 de julho 2016, como ação da exposição “Cores e Flores para Tita”, durante o VII CIPA, na UFMT.
 - 2 É instrutora de fotografia e atua no segmento de cobertura de eventos artísticos, já tendo fotografado para a maior parte dos grandes diretores e companhias de Salvador, tais como: A Outra Cia de Teatro, NATA, Teatro da Queda e Bando de Teatro Olodum. Pelo segundo ano consecutivo, é convidada para expor no Uruguai e prepara uma mostra na Itália, expondo seus trabalhos realizados em terreiros de Candomblé. e-mail: andreamagnonifostos@gmail.com.
 - 3 Doutor em Educação pela FAGED/UFBA. Professor titular do PPGEduc/UNEB. Tesoureiro da BIOgraph (Gestão 2014-2016). e-mail: esclementino@uol.com.br.



-aos CUIDADOS DE RENATO

Renato nasceu com vagina. A sociedade, com a sua predileção por classificações absolutas e incontestáveis, determinou: mulher! Não precisa de imaginação muito apurada para saber como foi sua criação: vestidos, babados, lacinhos, fecha as pernas, ajude sua mãe a lavar os pratos, ele pode porque é homem, menina não fala assim, menina não brinca assim, menina não é assim. Isso tudo já é uma bola de neve de violência para quem é menina – então imagina para quem não é!

O mundo com sua obsessão por categorizações, por sua negação a qualquer item que desvie da norma, por sua necessidade patológica de exercer controle, determinou que Renato: 1) era uma mulher; 2) era uma lésbica.

Obviamente convivendo com diversas formas de constrangimento ao longo da vida, um dia - se suicidou. No velório, um homem diz: "neste caixão estão indo duas pessoas".

- Mas Renato não se relacionava com homens...

Renato (porque assim escolheu ser chamado) sofreu um estupro corretivo. Não, não, não se choque tanto, não torça a cabeça em sinal de horror. O estupro é um dos mais poderosos, e mais utilizados, instrumentos de tortura da face da Terra. Vai ver você até já fez piada disso. Vai ver você até já fez isso. Depois do estupro Renato passou 40 dias sem falar. Que tamanho de trauma, tão devastador, engessa a voz, que vira pedra bruta, presa dentro da garganta de uma pessoa?!

Estupraram Renato porque achavam que ele era lésbica?! Foi uma forma de puni-lo, "corrigi-lo", mostra-lo o seu lugar? Quantos limites um ser humano pode extrapolar para exercer poder e controle? Quão desrespeitosos nós conseguimos ser?

Renato tinha deixado uma carta, pedia para o enterrarem com roupa masculina. Mas enfiaram um vestido branco no corpo já tão vilipendiado dele. Mas vocês querem saber onde está o mistério da força que uma alma possui quando precisa se afirmar? Vinte anos depois, quando foram exumar o cadáver, o vestido branco tinha virado pó, e a roupa masculina do rapaz, deixada desprezada ao lado do corpo dele, estava intacta e gritando:

AQUI FOI ENTERRADO UM HOMEM! (Ele só tinha 15 anos em 1973)

Lisa Vietra (Atriz e escritora) 28/08/2015

CORES. FLORES para Tita

Foto 1 – Renato Magnoni. Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.



Imagem 1 – RG de Renato Magnoni. Acervo da Família. Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.

EC – O projeto foi financiado pela Fundação Gregório de Matos da Prefeitura Municipal de Salvador, no âmbito do Edital “Arte em Toda Parte”, ano III. Qual sua percepção sobre o edital e as contribuições para a discussão de um tema tão singular e importante, no contexto atual que vivemos no país?

AM – O Edital “Arte em Toda Parte” faz toda a diferença para a cultura do nosso município! Tem muita coisa legal acontecendo, por causa dessa ação, e aproveito para parabenizar a Fundação Gregório de Mattos, na pessoa de Fernando Guerreiro, que tanto faz pela cultura local; isso mostra o quanto são necessárias essas ações e investimentos, pois “Cores e Flores para Tita” só se tornou real após ser contemplado; otimizamos ao máximo os recursos financeiros investidos, mas o resultado valeu a pena, em todos os sentidos, tanto do ponto de vista artístico quanto social e informativo.

EC – O projeto questionou a naturalização das performances binárias, cis e heteronormativas de gênero, com ênfase na utilização de fotografias, como dispositivo de empoderamento de pessoas trans e travestis, que não se encaixam nesses padrões. De que forma o argumento do projeto impacta a realidade atual?

AM – Primeiro, de forma bastante abreviada, quero esclarecer a compreensão sobre os conceitos de cis ou cisgênero, referindo-se a pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado, no nascimento, por observação da genitália. Exemplo: homens com pênis e mulheres com vagina. O questionamento dos padrões normativos vigentes e o empoderamento trans foram o grande mote do projeto, já que tais padrões são utilizados pela sociedade para balizar o que é ou não “normal”; acredito que, ao contribuir para incitar tais questionamentos, já criamos uma zona de flexibilidade e naturalização de novas possibilidades de performance e vivências de gênero,

aspirando a diminuição do vilipêndio sobre os que não se encaixam em tais padrões. Pessoas que acham que só existem mulheres com vagina e homens com pênis, mulheres delicadas e homens brutos, aliás, que acham que só existem homens e mulheres, precisam ter acesso a informações sobre a diversidade de gênero e atualizar sua compreensão sobre as vivências não normativas, pois acredito realmente que a informação é a melhor forma de sensibilização.

EC – Qual o perfil dos fotografados e quais produtos foram gerados a partir do argumento inicial?

AM – O projeto se dividiu em três etapas, em cada uma delas foram abordadas diversas formas de ser homem, de ser mulher e também de pessoas que não estão nesses extremos binários. Foram fotografados homens trans e homens cis, para a etapa de masculinidades; travestis, mulheres trans e cis, para a fase de feminilidades, e pessoas não-binárias e andróginas, para a etapa de não-binaridade. São pessoas de várias orientações sexuais, diversas expressões de gênero, cor de pele, religião e classe social, mostrando essa rica e bela diversidade. O projeto gerou uma exposição de grande porte, com mais de 130 imagens, uma oficina de fotografia exclusiva para pessoas trans e travestis, uma exposição coletiva, como resultado dessa oficina, um ciclo com 12 palestras e miniexposição itinerante, por escolas e espaços variados, um documentário de longa-metragem, quatro bolsas para estagiários trans e um coletivo chamado “De Trans Pra Frente”, com eventos mensais, de maio de 2016 a 29 de janeiro de 2017, culminando no *Dia da Visibilidade Trans*, que é celebrado nessa data.

EC – Quais retornos positivos você percebeu sobre a oficina de fotografia “Transformando o Olhar”, destinada para pessoas trans? Como surge a ideia de falar sobre a solidão?

AM – O fato da oficina ter sido exclusiva gerou um espaço seguro que favoreceu muito a troca e o aprendizado, e, o mais importante, foi ver essas pessoas se sentindo valorizadas e admiradas, por seus feitos, além de muní-las com uma ferramenta que as fará independentes, na captação de suas próprias fotobiografias, a partir de suas próprias vivências e olhares. O tema solidão surge dos alunos e alunas, conscientes que essa é uma realidade que os permeia, em maior ou menor grau, afetando significativamente seu emocional e autoestima.

EC – Como foram produzidas as fotografias e as narrativas autoetnográficas, no contexto da oficina? Ao utilizar a fotografia como fonte de informações e de denúncia sobre o

tema, gerando arte, debate e visibilidade, através das imagens-voz das pessoas trans e travestis, como percebe as relações entre fotobiografias e práticas de resistência?

AM – As imagens para a exposição foram feitas na “Casa d’A Outra”, espaço que nos apoiou durante a oficina, eu os acompanhei, auxiliando-os tanto na produção quanto na captação e edição, a curadoria foi conjunta e foram escolhidas três imagens de cada autor e autora. Decidimos convidar uma das alunas, uma jovem travesti de 25 anos, para ser a modelo, inclusive as dela mesmo, as fotos de Irlanmica Tripoli foram autorretratos e ela trouxe à tona a solidão do abandono e da rejeição; posou com um vestido de noiva e as imagens ficaram muito impactantes.



Foto 2 – Autorretrato de Irlanmica Tripoli. Acervo da Exposição “Solidões Trans e Travesti”, 2016.

“Contentamento e orgulho por conseguir criar uma autorrepresentatividade, pois, na grande maioria das vezes somos, ‘retratades’ por pessoas que não comungam das nossas vivências, o que motiva constantes representações chulas de arquétipos estereotipados da nossa identidade e experiência”. (Irlanmica Tripoli)

Além dela, contamos ainda com obras de Viviane Vergueiro, Diego Nascimento, Tito Carvalhal, Edymartins Reis e Roberto Enriques.

Pude perceber, no semblante e nos relatos, durante a produção das fotos, como também no depoimento para os fragmentos autobiográficos da exposição, que o tema mexia com eles, de forma profunda e dolorosa, mas que também os movia para lutar por respeito e reconhecimento de seu gênero verdadeiro, favorecendo o apoio mútuo e fortalecendo a luta individual e conjunta.



Foto 3 – Irlanmica Tripoli. Acervo da Exposição “Solidões Trans e Travesti”, 2016.

Fotografia: Tito Carvalhal.

“Tem várias formas de se matar alguém, talvez, a mais cruel, é invisibilizando. Não cabemos mais na família biológica, não somos dignos de relações afetivas, somos expulsos da escola, do

mercado de trabalho, violentados nos serviços de saúde e seguimos na cadência sofrida de nos parir diariamente, de construir novas formas de ser e de amar”. (Tito Carvalhal)



Foto 4 – Irlanmica Tripoli. Acervo da Exposição “Solidões Trans e Travesti”, 2016.
Fotografia: Viviane Vergueiro.

“Procurei, em minhas fotografias, trazer um pouco do que notei em minhas vivências, profundamente relacionadas à inconformidade de minha identidade de gênero, à cisnormatividade; esta solidão esteve composta por segredos e silên-

cios, mesmo durante a dita ‘transição de gênero’, o que produziu processos particulares de autoconhecimento. Procurei expressar um pouco destes elementos que me atravessam usando a linguagem fotográfica”. (Viviane Vergueiro)



Foto 5 – Viviane Vergueiro. Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.
Fotografia: Andréa Magnoni.

Viviane Vergueiro

Identifico-me como mulher trans e travesti, tenho 31 anos. Recentemente terminei um programa de mestrado em Cultura e Sociedade, trabalhando autoetnograficamente sobre questões trans, e sou pesquisadora, economista e acabo de ser admitida como professora na Universidade Federal da Bahia, sendo a primeira mulher trans a ocupar esse cargo nessa instituição. Sou totalmente envolvida com os ativismos transfeministas. Considero-me uma anarquista que tenta estabelecer diálogos e enfrentamentos para reformas contextualmente necessárias e para as rupturas urgentes. Gosto de me pensar em aprendizados e desconstruções junto a diversas lutas por autodeterminação, abaixo e às esquerdas, dentro e fora de instituições. Mas, como possivelmente muitas pessoas se sintam, sem saber se estamos sendo efetivas nestes processos. A possibilidade de resistir em um mundo que odeia as diversidades e de construir profundos laços afetivos a partir destas lutas compartilhadas são coisas que me apaixonam na brevidade e impermanência desta vida.

Imagem 2 – Fragmento (auto)biográfico de Viviane Vergueiro.
Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.



Foto 6 – Víctor Summers. Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.
Fotografia: Andréa Magnoni.



Imagem 3 – Fragmento (auto)biográfico de Victor Summers.
Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.

EC – Quais registros você tem sobre os impactos da oficina e da exposição? Como foi a recepção/reação e/ou participação do público, em geral, na exposição?

AM – O retorno deles e delas foi emocionante! A vernissage da exposição “Solidões Trans e Travesti” aconteceu no dia 1º de março, no Teatro Gamboa Nova, fizemos uma cerimônia de apresentação dos autores e autoras, e a entrega dos certificados de conclusão da oficina. Esse foi um momento de muita emoção, seguido de

depoimentos sobre a vivência, com a oficina e a construção das imagens. Todos estavam visivelmente felizes, pelo tratamento diferenciado (que deveria ser o normal) que oferecemos, orgulhosos pelo resultado conseguido e os elogios, por parte de conhecidos e desconhecidos, que se surpreenderam com a qualidade artística e imagética das peças, sendo tocados pelos fragmentos autobiográficos. Essa foi a primeira exposição exclusivamente composta por autores(as) e modelos trans e travestis.



Foto 7 – Keila Simpson. Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.
Fotografia: Andréa Magnoni.



Imagem 4 – Fragmento (auto)biográfico de Keila Simpson.
Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.



Foto 8 – Diego Nascimento. Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.
Fotografia: Andréa Magnoni.

Diego Nascimento

Sou um homem trans, pansexual, tenho 16 anos. Estudante do IFBA (Instituto Federal da Bahia) e militante do IBRAT (Instituto Brasileito de Transmasculinidade), luto pelas coisas em que acredito, e entre elas está uma sociedade que respeite a diversidade sexual e de gênero, que compreenda a existência de diversos corpos e identidades e respeite cada um deles, uma sociedade sem amarras ou grades que nos prendam e delimitem quem nós podemos ser. Acredito que essa sociedade utópica pode ser construída através da informação, da educação e da luta diária. Dentre tudo que me apaixona, a coragem que as pessoas que estão fora da normatividade tem de enfrentar diariamente as violências a que o cis-tema nos submete é uma das coisas que mais me encanta, e mais que isso, é o que me dá forças para continuar na luta em busca da sociedade que eu acredito ser justa, ideal e possível. É possível!

Imagem 5 – Fragmento (auto)biográfico de Diego Nascimento.
Acervo da Exposição “Cores e Flores para Tita”, 2016.

EC – Em relação à Exposição “Cores e Flores para Tita”, como você avalia a recepção e as implicações da mesma, em relação à atualidade do tema, no contexto brasileiro e baiano?

AM – Em relação ao público e aos funcionários da Fundação e do Teatro Gregório de Mattos, a recepção da exposição foi a melhor possível! Mesmo dentre pessoas que chegavam à Galeria da Cidade, sem saber o tema e acabavam se encantando com as imagens, as instalações e a companhia dos monitores, Diego Nascimento e Tito Carvalhal, ambos homens trans. Já entre a mídia soteropolitana, a recepção não foi a esperada, mesmo com uma assessoria de imprensa bastante influente, consegui espaço apenas em um programa da Rádio Educadora FM, em sites e blogs especializados no público LGBT; mesmo com o grande porte da exposição, programas de TV locais e jornais impressos se negaram a dar visibilidade ao tema, deixando nítida a precariedade de conhecimento sobre transgeneridade.

EC – O projeto que culminou na exposição “Cores e Flores para Tita”, denuncia a incidência de suicídio, homofobia, transfobia, assassinatos e outras formas de marginalização, mas, também, de práticas de resistência e empoderamento vividos cotidianamente pelas pessoas trans e travestis. Como você avalia a importância da temática e o alcance do projeto com a exposição?

AM – A ideia sempre foi usar a fotografia como mobilizadora da discussão sobre o tema. Desde o princípio, eu tinha consciência de que não queria apenas usar a imagem deles e delas, e sim fazer da exposição um ponto de encontro, informação, troca e conscientização sobre essas existências tão vilipendiadas. Então, fico muito feliz em ver não só a exposição, mas o projeto, em sua totalidade, conseguindo alcançar esse objetivo artisticamente didático,

tocando as pessoas de maneira tão singular, instigando questionamentos, reflexões e autorreflexões e mudança de postura e pensamento.

EC – A realização da exposição “Cores e Flores para Tita” no VII CIPA configurou-se como um momento singular e de articulação da temática trans e cis, no contexto da pesquisa (auto)biográfica. Qual sua compreensão da realização da exposição no Congresso e da discussão da temática, na vertente dos estudos (auto)biográficos?

AM – Participar do VII CIPA foi uma experiência muito significativa em minha carreira, tanto pela grandiosidade do evento, quanto por ver meu trabalho tocando pessoas de várias partes do nosso país e mesmo do exterior, e algo muito marcante é que pude observar, na prática, que, independente do grau de formação e informação do interlocutor, o tema ainda é muito desconhecido, incompreendido e estereotipado, e justamente por esse último adjetivo: *estereotipado*, entendo que é de suma importância todo movimento (auto)biográfico e autoetnográfico dessa população, trazendo narrativas e explicações muito pessoais, a partir de vivências e recortes específicos, e não mais sob o filtro da distante percepção cis-normativa, por mais sensível que seja. Essa autonomia sobre a própria voz e a conceituação teórica, a produção acadêmica, literária, audiovisual, fotográfica etc., a meu ver, são o começo de um novo devir transgênero.

EC – Vivemos hoje muitas marcas sociais e LGBTfóbicas, no contexto brasileiro. Você destacaria algumas ações que pudessem ser realizadas nas escolas para o combate e o enfrentamento da temática?

AM – Nossa experiência com as palestras e as minixposições nas escolas foram muito significativas, principalmente porque o pales-

trante era um rapaz trans, de apenas 16 anos, o que os fazia ouvir interessada e respeitosa-mente, pois as informações chegavam de maneira horizontalizada e repletas de um ritmo, vocabulário e discurso (auto)biográfico que fazia com que ele conseguisse tocar profundamente aqueles jovens. Então, ao contrário do que acredita o famigerado “Escola Sem Partido”, criar campanhas sobre o tema, atenção e punição aos casos de *bullying* e naturalização das diversidades, são formas de mudar a estrutura primordial do “cis-tema” LGBTfóbico, racista, sexista e elitista vigente.

EC – Ao homenagear seu tio Renato Tita, na exposição, como você articula esta ação com suas relações biográficas e familiares?

AM – Digamos que biograficamente fiquei mais rica (risos), mas familiarmente venho encontrando resistência de algumas pessoas, que estão resvalando em seus próprios preconceitos e transfobias. É como se meu tio estivesse “saindo do armário”, 43 anos após a sua morte! E isso pode ser muito indigesto para algumas tias e tios (irmãs e irmãos dele), incluindo aí o meu pai. Um dos maiores algozes do bem-estar dessa população trans é justamente o conceito cristão e colonizador de que são aberrações, e minha família paterna é, em sua grande maioria, neopentecostal, o que dificulta ainda mais a compreensão da real vivência do meu tio.

EC – Outra ação do seu projeto resultou num filme documentário. Poderia falar sobre essa experiência? O que espera do filme?

AM – O documentário “Cores e Flores para Tita” é um longa-metragem com 1h30 de pura emoção! Ele é fruto do “apaixonamento” da diretora e produtora Susan Kalik, que, movida pela mesma indignação que carrego comigo contra todo esse “cis-tema”, opressor e assassino, capta belíssimos depoimentos de jovens trans-ativistas nordestinos, narrando suas

(auto)biografias, enquanto perpassa a história do meu tio Renato, ora biograficamente, através das investigações familiares, ora (auto) biograficamente, através dos contatos espirituais percebidos por mim durante todo o processo de montagem da exposição e gravação do documentário. O que se percebe no documentário é que o tempo pouco passou, nesses 43 anos, quando o assunto é transfobia... vivências semelhantes às experimentadas por ele, mas também forças e empoderamentos muito parecidos, que não deixam dúvidas: a revolução será travesti! Para acessar a chamada e a divulgação do documentário, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=sZ7duC-mOJ8I>. Ver também a matéria: <https://www.youtube.com/watch?v=AGbRpOqkkjg>.

EC – Por fim, para concluir, peço para destacar outros desdobramentos do projeto e como se sente como foto-ativista vinculada à temática trans?

AM – Acho que, além dos desdobramentos citados, os eventos e o coletivo “De Trans Pra Frente” são grandes legados do projeto “Cores e Flores para Tita”. Incomodada pela forma como pessoas cisgêneras geram eventos de pseudovisibilidade trans, incitei amigos e amigas trans e travestis a pensarem num evento protagonizado e dirigido majoritariamente por eles e elas. Depois, pedi uma pauta para Chico Assis, subgerente do Teatro Gregório de Mattos e Manuela Senna, gestora desse importante equipamento municipal soteropolitano, e não só fui prontamente atendida, como oficializaram a cessão de uma pauta por mês, durante oito meses! Fizeram parte da programação: oficinas e cursos formativos, apresentações artísticas, palestras e cine-debates. Ver a alegria e protagonismo deles e delas, ver a plateia cada vez mais cheia e diversificada, perceber pelos depoimentos a importância prática, afetiva e didáticas desses espaços, é emocionante e ins-

pirador. Enquanto foto-ativista, sinto-me continuamente instigada a criar, já que diariamente nosso país nos dá motivos para indignação. A cada assassinado, a cada espancamento, a

cada suicídio, reafirmo meu compromisso para com essa população, isso é por meu tio, mas também pelos que lutam pelo direito de viver, o direito de cada um e cada uma.



Foto 9 – Exposição “Cores e Flores para Tita”, VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, 17 a 20 de julho de 2016, UFMT.
Fotografia: Andréa Magnoni.